



XIV ANPED-CO

XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3609 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)
GT 02 - História da Educação

O Concurso de Robustez de Bebês em Campo Grande: discursos médico e higienista na educação do corpo infantil

Shirley Ferreira Marinho Silva - UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

Kênia Hilda Moreira - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

Resumo: Analisa a realização de um concurso de robustez infantil em Campo Grande, em 1934, relatado na Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra*. Utiliza o conceito de estratégia, conforme Certeau, como norteador da análise. Conclui-se que o concurso de robustez de bebês em Campo Grande, no sul de Mato Grosso, foi realizado como estratégia de se estabelecer parâmetros que representassem um ideal de corpo infantil, fortalecendo os discursos eugênicos e higiênicos em vigor nos anos 1930.

Palavras-chave: História da Educação. Era Vargas. Educação do corpo infantil.

O Concurso de Robustez de Bebês em Campo Grande: discursos médico e higienista na educação do corpo infantil

Para analisar o Concurso de Robustez de Bebês acontecido em 1934, na cidade de Campo Grande, ao sul do estado de Mato Grosso uno [\[1\]](#), utilizamos como fonte principal a Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra* (RFS) [\[2\]](#), que circulou entre 1931 a 1940. Analisamos o Concurso como uma das estratégias do governo Vargas, com o intuito de inculcar novos hábitos e um novo padrão de corpo infantil para a sociedade.

O governo Vargas organizou-se no sentido de divulgar “métodos e diretrizes” para oferecer saúde, educação e qualidade de vida para as crianças, desde bebês até a adolescência. Simultaneamente aconteceram muitas comemorações relativas à infância como festas cívicas, concursos de robustez, com propósitos de divulgar políticas sociais referentes à infância, utilizando-se das práticas higienistas como campanhas de vacinação, criação de regulamentos sanitários, fiscalizações e combate a doenças, para que as crianças se tornassem cidadãos sadios numa nação politicamente estruturada. Tais práticas incorporaram repertórios culturais produzidos nos grandes centros, como forma de impor sua modernidade. É nesse contexto que o Concurso de Bebês Robustos é realizado na cidade de Campo Grande, em 1934.

Os Concursos de Robustez de Bebês foram criados em julho de 1902 pelo Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI), visando à diminuição da mortalidade infantil. Em 24 de março de 1899, o médico Arthur Moncorvo Filho, fundou o Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI-RJ), no Rio

de Janeiro, para dar assistência às mulheres grávidas pobres, nos partos e ao recém-nascido (KUHLMANN JUNIOR, 2015). Entre os serviços prestados pelo Instituto de Moncorvo Filho, estava o “gotta de leite”, responsável por distribuir “centenas de milhares de litros de leite esterilizado... à creanças que não podiam dispor do aleitamento natural” (MONCORVO FILHO, 1927, p. 157).

Sobre o concurso de robustez, Moncorvo Filho (1927, p. 156) explica que “o Instituto nomeava um jury de médicos, exigia a documentação necessária provando ser a genitora pobre, não ter a creança mais de 1 anno e haver sido alimentada exclusivamente por aquela, pelo menos até o 6º mez”. O autor aponta que não tardou para a iniciativa ser copiada “dentro e fora do Brasil”, o que nos leva à hipótese de o concurso de bebês ter sido criado no Brasil. Em razão de seu sucesso como uma das medidas de maior alcance social no que concerne à higiene infantil da época, o concurso passou a ser organizado semestralmente, e garantia aos vencedores prêmios em dinheiro (MONCORVO FILHO, 1927, p. 157).

Durante as primeiras décadas do século XX o IPAI promoveu vários concursos de robustez de bebês, vinculado à proteção da maternidade e conseqüentemente da criança. Os concursos passaram a ser organizados no bojo do descontrole das epidemias, da mortalidade infantil com a intenção de transmitir a mensagem de que mães cuidadosas teriam sempre filhos saudáveis. Desse modo, a responsabilidade não se restringiria ao Estado, ao contrário, as mães teriam papel fundamental na educação do corpo infantil (ALMEIDA, 2004). Ao todo foram 33 edições de concursos promovidos pelo IPAI, como resultado da coleta e observação de dados de mais de 5 mil crianças. O Instituto criou uma tabela de medidas, com pesagem e medidas das crianças desde o nascimento até os 14 anos (MONCORVO FILHO, 1927).

Criou-se, desse modo, em face das necessidades modernas, um aparato para educar a nova geração da nação, na qual a mãe se apresenta como personagem principal. Com leis de assistência e proteção à infância^[3], considerada como “produto de décadas de lutas, sempre mais intensas, para proteger as crianças”, enfatizou-se a importância, afirmavam os “especialistas da medicina e assistência social”, de “instruir as mães nos princípios básicos de saúde e higiene” (WADSWORTH, 1999, p. 4). Essa preocupação com as crianças, “principalmente as das classes populares”, consideradas “matéria-prima fundamental no projeto de nação que se forjava”, se dava pelo pensamento das “elites econômicas, políticas e sociais”, que acreditavam que as “famílias pobres constituíam-se em núcleos incapazes de fornecer à criança um desenvolvimento físico e mental adequado” (WADSWORTH, 1999, p. 4). Cabendo ao Estado, intervir e prover assistência a essas crianças.

Com o governo Vargas (1930-1945) tais concursos enfatizaram os discursos eugenista e higienista em voga no período. Nos anos 1930 o Estado nacional continua a organizar os concursos de robustez infantil com a finalidade de provar que as novas gerações estavam livres de doenças e prontas para se tornar o “novo homem brasileiro” (OLIVEIRA, 2013, p. 99). As crianças deveriam ser robustas e não obesas, para que pudessem ser consideradas filhas de uma pátria saudável e servirem de exemplo às outras nações (ALMEIDA, 2004).

O Concurso de Robustez de Bebês pode ser entendido como uma das estratégias do Governo Vargas, com o intuito de inculcar novos hábitos e um novo padrão de corpo infantil para a sociedade. Para Certeau (2005), a estratégia está ligada ao poder hegemônico, um poder dominante ligado ao racionalismo moderno, representado aqui pelo Estado sob o comando de Getúlio Vargas, que se apropria do discurso médico da época e o utiliza como um exercício estratégico com a finalidade de convencer a sociedade, argumentando que a criança seria o futuro da nação, logo, medidas passaram a ser tomadas para garantir o sucesso desse intento. Assim, por meio do reconhecimento do contexto social brasileiro, o Estado passou a tomar medidas de prevenção e controle dos problemas existentes em relação à saúde, novos hábitos e um novo modelo de educação diante do corpo infantil se formava.

O movimento higienista, tido politicamente como um grande projeto social e moderno, cujos objetivos estratégicos eram interferir ativa e efetivamente no comportamento e cotidiano das pessoas, tanto na esfera pública quanto privada passa a estabelecer um padrão de saúde e forma física a ser seguido, razão das preocupações com a gestação do bebê, o nascimento, a lactação, o banho, a limpeza corporal e o ambiente em que se vive. Nesse sentido, a mãe passa a ter um papel fundamental na educação do corpo infantil.

A medicina e o Estado passam a intervir no corpo da criança com o intuito de se criar cidadãos saudáveis, e os discursos médicos e higienistas se apropriam da imagem da mulher como personagem que está relacionada ao espaço privado e aos cuidados do lar, portanto as iniciativas passam a

incentivar as mães nos cuidados com o corpo infantil e os concursos de robustez surgem baseados nessas iniciativas, como ações de cunho sanitaria e educacional. É nesse contexto que o “Concurso de Robustez do Bebê” é realizado em Campo Grande.

De acordo com a matéria da RFS, intitulada “Concurso de Robustez do Bebê” (RFS, 1935, n. 37-38, p. 15, sem autor), foi organizado em Campo Grande, em dezembro de 1934, a cargo da Sociedade da Biblioteca de Campo Grande^[4], o primeiro concurso de robustez infantil na cidade, apresentado como evento de encerramento de um ciclo de “Palestras sobre a criança”, promovido pela mesma instituição. O ciclo de palestras, foi uma iniciativa por meio da qual, ao longo do ano de 1934, foram apresentadas ao todo 21 teses com o intuito de demonstrar ao público, “as responsabilidades na formação da vossa prole e no cultivo de uma raça viril e cheia de graça física e espiritual” (RFS, 1934, n. 34, p. 7).

A SOCIEDADE DA BIBLIOTECA DE CAMPO GRANDE em fins de ano passado de 15-10 a 17-12 promoveu uma série de palestras sobre a criança, das quais se incumbiram médicos e professores. Todas as segundas feiras, daquele período, o salão da biblioteca acolhia numerosa assistência que lá acorria a fim de ouvir conselhos sobre higiene e pedagogia caseiras. A série dessas palestras foi aberta pelo Bacharel Estácio C. Trindade, que discorreu sobre a educação dum modo geral.

[...]

As palestras que a diretoria da biblioteca de Campo Grande houve por bem organizar e executar, desta noite ao dia 17 de Dezembro próximo, a encerrar se com a apoteose ao bebê mais robusto, em concurso original para nós, e no natal da criança pobre. (RFS, 1934, n. 34, p. 7).

O empenho da elite local em efetuar palestras sobre cuidados com o corpo infantil, e o próprio concurso que já acontecia no restante do país desde o início do século XX, aponta que os discursos sobre eugenia e puericultura, somados à pedagogia, também em Campo Grande foram vistos como elementos fundamentais que seriam capazes de trazer a “formação de uma raça saudável”, que colaboraria para a modernização da sociedade, e caberia aos pais, por meio dos “ensinamentos indispensáveis” aprendidos no contexto dos ciclos de palestras, oferecer a seus filhos o “encaminhamento das funções psico-biológicas dos seus filhos”. Para tanto, coloca-se a responsabilidade da formação dessa raça saudável na classe médica, nos professores e na “boa vontade dos pais” (RFS, 1934, n. 34, p. 7):

Ninguém mais consciente e capaz de empreender essa ingente tarefa de renovação de costumes e ensinamentos, que a classe médica coordenada com a dos professores e a boa vontade dos senhores pais e a assistência do poder público. (RFS, 1934, n. 34, p. 7).

A reportagem de janeiro de 1935, com texto e imagens, relata os procedimentos do evento realizado em 17 de dezembro de 1934, que encerrou com o concurso realizado no salão da própria biblioteca, apresentando o resultado e seus critérios de eleição.

As nove horas da manhã daquele dia, a comissão medica convidada para efetuar o concurso, deu início as provas com a passagem do primeiro bebê. Um a um, todos foram pesados e todos tomadas a altura, o turgor, (Rigesa muscular), os índices cefálico, torácico e a largura dos ombros. Esses dados em relação a idade de cada um foram comparados ao de uma tabela oficial e, por fim, classificados os bebês que lograram maior número de pontos. Desse modo a comissão composta do Drs. E. Coutinho, Alipio Castilho, A. Boaventura e Peri Alves Campos (este como presidente da biblioteca) proclamaram vencedores três das quatro meninas inscritas, sendo este o resultado final, que demonstra o valor do sexo frágil: 1º- Rita Oshiro 8 m. e 13 dias, filha do casal T. Oshiro; 2º- Maria Amelia 12 m., do casal Cristovam Scapulatempo; 3º- Maria Elisa, 8 m. e 19 dias, do casal A. Trouy. (RFS, 1935, n. 37-38, p. 15).

Como podemos observar, com base na descrição da reportagem sobre o concurso de bebês, os resultados obtidos eram avaliados com relação à idade de cada bebê e confrontados com a tabela oficial, fruto das pesquisas de puericultura realizadas pelo IPAI.

É interessante perceber que, ao declarar os vencedores do concurso, a reportagem se refere às meninas vencedoras como sendo de “sexo frágil”. Sua afirmação está em consonância com o pensamento da época, que acreditava que os indivíduos do sexo feminino seriam fisicamente inferiores em relação aos do sexo masculino. Para Louro (2004, p. 77), o gênero e suas características são construídos socialmente, a declaração “é uma menina!” ou “é um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instaura um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. Até o início do século XX, as mulheres eram explicadas como seres inferiores ao homem, sendo o sexo biológico e o seu papel social condicionados e preestabelecidos socialmente; e essa construção dos corpos baseada em normas regulatórias é o que legitima os sujeitos perante a sociedade (LOURO, 2004).

Moncorvo Filho (1927, p. 4) nos dá algumas pistas sobre as diferentes funções sociais definidas para homens e mulheres:

O homem tantas vezes amando a sangueira – guerras, revoluções, crimes e vícios – nem sempre é o animal dócil, meigo e cordato que fôra para desejar. A mulher, quasi sempre bondosa e meiga – pensamento inclinado para o Bem – com encantadora meiguice olhos fitos nos filhos, prodigalizando-lhes o carinho, o afago, a educação e os bons sentimentos, não raro se constitui um verdadeiro anjo do lar!

Assim, quando o autor do artigo na RFS se refere ao sexo feminino como “sexo frágil”, relaciona a mulher a atividades que não requerem o uso da força física para serem executadas, sendo características masculinas ter aptidão física aprimorada.

De outro modo, fica evidente que o alvo do concurso eram as mulheres, denotando que as ações promovidas teriam como público-alvo a mãe que, segundo Almeida (2004), passa a ser a figura central nesse processo, afinal, de “nada valem os cuidados médicos e a boa alimentação se a criança não estiver rodeada dos inteligentes cuidados maternos” (ALMEIDA, 2004, p. 13). Os concursos de bebês robustos eram organizados no bojo do descontrole das epidemias e da mortalidade infantil, como já afirmamos, e intencionaram transmitir a mensagem de que mães cuidadosas teriam sempre filhos saudáveis, para que tal responsabilidade não ficasse somente a cargo do Estado. Desse pensamento surge o elo entre a família e o Estado, que entendia a boa gestação e o bom parto como base fundamental do projeto de governo que visava uma nação disciplinada e saudável (ALMEIDA, 2004).

Outro ponto que observamos nesse concurso é que, apesar da preocupação com a criança pobre no Brasil dos anos 1930, como observa Wadsworth (1999), entre outros – ao tratar das campanhas de assistência à infância, durante a era Vargas, na perspectiva de que as classes populares não teriam condições de fornecer à criança o devido desenvolvimento físico e mental, cabendo ao Estado intervir – os concursos de robustez eram promovidos pela e para a elite econômica e social do país. As crianças vencedoras e suas respectivas mães seriam apresentadas como modelo de educação e saúde a serem seguidos.

Ao analisarmos as fotografias do concurso realizado em Campo Grande, verificamos que os bebês e suas mães eram todos brancos. A ausência de bebês negros e índios pode estar relacionada à teoria eugênica que, segundo Vechia e Lorenz (2009), tinha como objetivo zelar pela qualidade racial, para que seus descendentes herdassem força, saúde, resistência e beleza. O Brasil das décadas de 1920 e 1930 buscava alcançar uma raça pura, livre de miscigenação.

Considerações finais

Os concursos de robustez de bebês nos anos 1930, imitados em vários Estados, a exemplo de Campo Grande, passaram a representar o patriotismo nacional, a aspiração de uma nova raça, forte e saudável, paralelo ao caos vivido por conta da miséria e da falta de recursos pelos quais o país passava. Nesse contexto, o racismo estava presente nos discursos, especialmente entre as autoridades, como médicos e políticos, e a mistura de raças era vista como fator de degeneração de um povo, e era relacionada à falta de desenvolvimento, de cultura e de civilização.

Os Concursos de Bebês Robustos pelo país, como o realizado em Campo Grande, em 1934, de caráter eugênico e higiênico, teriam a função de influenciar as mães na educação do corpo infantil. Tais práticas incorporaram repertórios da medicina e higienismo, produzidos nos grandes centros, como estratégia de disseminar o que Gondra (2007) aponta como sendo um projeto civilizatório de higienização. A representação expressa pela imprensa, em nosso caso, pela RFS, demonstra um projeto político com o intuito de construir uma nova nação por meio de uma educação higiênica e moralizadora, que pode ser observada pela prática dos concursos de bebês, que denotam claramente uma estratégia de se estabelecer parâmetros que representassem um ideal de corpo infantil.

Referências

Fontes

MONCORVO FILHO, Arthur. **Histórico da Protecção à Creança no Brasil: 1500-1922**. 2. ed. Rio de Janeiro: Departamento da Creança no Brasil, 1927.

REVISTA Mensal Ilustrada Folha da Serra. Campo Grande, Mato Grosso. 1931-1940.

Obras citadas

ALMEIDA, Jane Soares de. **Os corpos perfeitos e saudáveis que a pátria necessita**: concurso de robustez infantil e a imagem materna. São Paulo: UNIBAN/Unesp, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2005.

GONDRA, José Gonçalves. **Entre o cura e o médico**: higiene, docência e escolarização no Brasil imperial. **História da Educação**, Pelotas, n. 22, p. 183-204, maio/ago. 2007.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, Ozéas. **As Representações da infância na mídia impressa em Mato Grosso nos anos de 1930 a 1945**: o tripé família, educação e saúde. Rondonópolis, MT: UFMT, 2013.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael. Fernando de Azevedo e a questão da "raça brasileira": sua regeneração pela educação física. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, MG, v. 8, n. 1, p. 57-70, jan./jun. 2009.

WADSWORTH, James E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 103-124, set. 1999. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881999000100006>.

[1] Mato Grosso “uno” ou “antigo” Mato Grosso, são expressões para referir-se ao estado de Mato Grosso antes da divisão em dois estados, no ano de 1977, com a criação de Mato Grosso do Sul (MS). O estado de Mato Grosso do Sul tem como capital a cidade de Campo Grande.

[2] A Revista Mensal Ilustrada *Folha da Serra* (RFS), foi publicada em Campo Grande, no sul de Mato Grosso, no período de outubro de 1931 a dezembro de 1940. O nome *Folha da Serra*, homenageava a Serra de Maracaju que divide o atual estado de Mato Grosso do Sul em duas partes, sendo de um lado o Cerrado e do outro o Pantanal. A referida Revista tinha como objetivo divulgar o então estado de Mato Grosso, que naquela época não era tão conhecido no restante do Brasil, bem como contribuir para o progresso da região. Apresentava conteúdos diversos e de fácil leitura sendo que o grande destaque era a ilustração, pois a Revista contava com amplo espaço para as fotografias.

[3] Como o primeiro Código de Menores, de 1927.

[4] A Sociedade da Biblioteca de Campo Grande surge da necessidade de se construir um local adequado para a realização de reuniões literárias. Iniciativas de meios de comunicação como a RFS buscavam reunir a elite intelectual Campo-grandense em prol de se angariar associados para a obtenção de recursos que seriam necessários para o desenvolvimento da biblioteca municipal, o intuito era vender cotas de três mensalidades de dez mil réis (moeda vigente desde o período imperial, substituída pelo cruzeiro, em 1942) para o maior número de associados possíveis e, assim, garantir a construção e manutenção do lugar (RFS, 1931, n. 1).